

O PARAÍSO DE DANTE E O PARAÍSO DOS APÓCRIFOS

Prof^a. Dr^a. Silvana de Gaspari¹ (UFSC)

Resumo:

Este é um trabalho de pesquisa que perpassa a literatura sacra e a literatura italiana, e gira em torno do poema de Dante Alighieri, buscando estimular a leitura de suas obras entre os brasileiros. Para tal, o que se evidenciou, foi buscar e analisar textos que tratassem de viagens ao mundo extraterreno, no âmbito das narrativas anteriores à elaboração da Divina Comédia. Dante foi, segundo vários estudiosos, na literatura ocidental, quem, em primeiro lugar, produziu uma obra onde o divino, o profano e o terreno se encontraram em aspectos ligados à moral, à política, às crenças e à sabedoria de seu tempo. Aqui serão apresentadas, como modelos surgidos antes do poema dantesco, as visões literárias do céu, expressas por Enoque e Isaías, nos Evangelhos apócrifos, em comparação com a visão celestial apresentada na Divina Comédia.

Palavras-chave: Divina Comédia, Dante Alighieri, apócrifos, visões do céu.

Gostaríamos de especificar que este é um trabalho de pesquisa que gira em torno da literatura sacra e profana e que demonstram semelhanças temáticas com o poema de Dante Alighieri; isso com o objetivo de estimular a leitura da *Divina Comédia* entre nós brasileiros. Para tal, o que se buscou foi estudar textos que tratassem de viagens ao mundo extraterreno, no âmbito das narrativas anteriores à elaboração do poema dantesco.

Nossa intenção com este trabalho é atingir um público amplo que vai desde os alunos universitários brasileiros aos estudiosos e leitores de diversas áreas; estimular a leitura da obra de Dante; apresentar textos da Teopoética; estabelecer conexões textuais entre a *Divina Comédia* e obras fundamentais da literatura universal; e, por fim, reunir uma bibliografia ampla e atualizada sobre o assunto.

A relevância desta pesquisa se dá no momento em que Dante Alighieri, por meio de sua obra, tem sido lido, ao longo dos séculos, e tem sido considerado um dos maiores autores da literatura universal. Além de ser conhecido como o “criador da literatura italiana”, por ter sido o primeiro autor a elevar o então chamado italiano vulgar à categoria de língua literária, e o “criador da língua italiana” por ter fixado em texto escrito e poético a nova língua, foi na literatura ocidental quem em primeiro lugar produziu uma obra onde o divino, o profano e o terreno se encontraram em aspectos ligados à moral, à política, às crenças e à sabedoria de seu tempo.

Situada a pesquisa, expomos o aspecto que escolhemos para apresentar brevemente neste artigo. E começamos com as seguintes questões: quem não gostaria de saber o que há após a vida? Quantas são as ciências que até hoje já tentaram responder a isso ou, pelo menos, a este fato fizeram alusão? O ser humano sempre procurou respostas para o que existe após a vida, mas raramente obteve êxito nesta busca. Dante foi um dos que, ao longo da história, ousou criar uma imagem do *aldilà* e, com isso, escreveu uma das maiores obras da literatura universal.

Pode-se imaginar que o tema da viagem, em Dante, tenha aparecido somente a partir da *Divina Comédia*, mas, segundo alguns críticos, este tema permeou toda a criação literária desse autor: *Vita Nuova* é uma viagem sentimental, em *Rime* a viagem é através da poesia, o *Convívio* nos

mostra uma viagem através da cultura, *De vulgari eloquentia* é a viagem dantesca através da língua literária italiana, *De monarchia*, uma viagem pela política e, finalmente, a *Divina Comédia* é uma viagem literária ao mundo dos mortos.

Il viaggio è una delle esperienze in cui la cultura dell'età medievale differisce sostanzialmente da quella moderna. Ne differisce per le condizioni e i limiti oggettivi del viaggiare, e per gli atteggiamenti mentali che vi sono connessi. I due poli dell'esperienza erano da un lato i viaggi reali, che avvenivano di solito per motivi pratici, spesso religiosi, dall'altro i viaggi dell'immaginazione e della letteratura: viaggi nella selva, lo spazio misterioso in cui si svolge nei romanzi l'avventura cavalleresca, o addirittura viaggi nell'altro mondo, che oltrepassavano i confini del conoscibile. (CESERANI&DE FEDERICIS, 1995, P. 135)¹

Esta viagem ao mundo dos mortos provavelmente nunca tenha sido realizada por Dante, já que, para um homem da Idade Média, era muito diferente o modo de entender a realidade que para o homem moderno. Naquela época, as fronteiras entre realidade e ficção eram pouco claras. Eram freqüentes, por exemplo, os **raptos** místicos, as visões, os anúncios de tipo profético, feitos algumas vezes por meio de viagens a mundos desconhecidos. Assim, é possível pensar que Dante acreditasse, ou pelo menos quisesse fazer crer, de ter sido realmente raptado e dessa forma ter recebido a missão de ser um espírito profético, coisa já muito difundida pelos religiosos anteriores a ele.

Por isso, acreditamos ser importante colocar a diferença entre viagem e visão no mundo medieval. As visões valiam enquanto autênticas, seu interesse narrativo ou literário era nulo. Por isso as visões eram geralmente escritas, ou dadas por escritas, por quem as tivesse tido. Se existisse um narrador, ele se fingia somente de introdutor e terminava suas premissas seguidas pela visão verdadeira e própria. A segunda diferença substancial seria que a visão é realizada somente pela alma, enquanto o corpo fica parado, frequentemente à espera de uma morte aparente. Entre as visões mais conhecidas está a de Paulo (*Atos*), que é citado por Dante em sua obra. Viagens e visões tinham geralmente dois destinos: o protagonista e a comunidade de fiéis. O protagonista vê se realizar sua própria purificação graças ao contato antecipado com os sofrimentos que anulam as culpas. Por outro lado, a experiência purificadora, uma vez narrada aos vivos, pode ajudá-los a escolher mais rápido a estrada do bem. Muitos destes textos são examinados hoje como possíveis fontes da *Divina Comédia*.

Falando em fonte, a *Divina Comédia* teria, segundo seus mais renomados estudiosos, como suas duas principais fontes inspiradoras a *Bíblia* e a *Eneida* e narra uma viagem feita em sete dias, durante a primavera de 1300, através dos três reinos do pós-morte: *Inferno*, *Purgatório* e *Paraíso*, idealizados por Dante, que é também o protagonista dessa viagem. Vale ressaltar que a idéia de visitar o mundo dos mortos não era nova, ela já estava presente na literatura clássica. O exemplo típico disso é a viagem de Enéias ao mundo dos mortos, assumida como relato de uma verdade histórica por Dante, segundo seus críticos e biógrafos, sobretudo a descida do protagonista ao mundo inferior. A idéia da viagem foi ainda amplamente utilizada na cultura medieval, alimentando vários gêneros de obras. Dante, então, retoma e organiza todas estas tendências da cultura da Idade Média e constrói um poema que procura reunir todos os gêneros presentes naquele momento

¹ A viagem é uma das experiências em cuja cultura da Idade Média se diferencia substancialmente da Idade Moderna. Diferencia-se pelas condições e limites objetivos do viajar, e pelos comportamentos mentais que estão ligados a isso. Os dois pólos da experiência eram de um lado as viagens reais, que aconteciam geralmente por motivos práticos, em geral religiosos, e, por outro lado, as viagens da imaginação e da literatura: viagens pela selva, o espaço misterioso no qual se desenvolve, nos romances, a aventura cavaleiresca, ou normalmente viagens ao outro mundo, que ultrapassavam os limites do conhecido.

histórico.

Como já especificado no título deste artigo, escolhemos para apresentar aqui as visões do céu, ou do paraíso, expressas por Dante, na *Divina Comédia*, e de Enoque e Isaías, apresentadas nos *Evangelhos* apócrifos.

Apócrifo significa literalmente secreto, oculto. Com o passar do tempo, passaram a ser chamados apócrifos textos ou fatos sem autenticidade ou que não tiveram esta autenticidade comprovada. Os textos apócrifos são muitas vezes marginalizados e considerados, quanto mais antigos, mais primitivos enquanto literatura..

Porém, já que estamos falando de um lugar, neste caso o céu, é necessário definir o que era o espaço físico e como esse era dividido na Idade Média. Segundo Le Goff e Schmitt, a definição de espaço dividido entre centro e periferia

oltre al fatto di essere troppo economica, non può applicarsi alla cristianità medievale senza alcuni importanti correttivi. Il concetto di centro e la contrapposizione centro/periferia furono meno decisivi di altri sistemi d'orientamento spaziale. Il principale era quello che opponeva il basso all'alto, in altri termini il quaggiù – questo mondo imperfetto e segnato dal peccato originale, terra degli uomini peccatori – al cielo – dimora di Dio. (2003, p.182)²

O céu, então, tomando-se como referência a concepção medieval de espaço e a descrição bíblica, é a morada de Deus, o lugar para onde Jesus voltou após sua morte e ressurreição.

Neste caso, o além é uma dimensão que se contrapõe à vida terrena. Fundamentalmente, a contraposição entre os lugares do além e seus habitantes é atestada pelos *Evangelhos* e pelo *Antigo Testamento*. Durante os primeiros séculos do cristianismo e ao longo de toda a Idade Média, o além deu vida a toda uma literatura apócrifa e a certo número de contos e novelas que ficaram à margem da ortodoxia católica. Este além foi um campo muito vasto para o imaginário medieval, inspirou uma literatura narrativa muito relevante e também uma rica iconografia que atestam a fecundidade da atividade criativa dos artistas medievais.

Mas como seria possível aos mortais conhecer o inferno e o paraíso ainda em vida? Além da *Bíblia*, outra fonte passível de conter estas informações eram os relatos de viagens feitas ao além. Estas narrativas se desenvolveram no ocidente latino a partir do século VII. Eram narrativas de homens a quem Deus tinha concedido a graça de visitar o inferno e o paraíso e cujo guia era geralmente um anjo ou arcanjo. Paulo é o primeiro herói cristão a cumprir uma viagem pelo além e retornar para contar. O relato de Paulo teve um grande sucesso durante a Idade Média e representou o protótipo das viagens ao além deste período. Os principais relatos do além se apresentam em forma de visão e são feitos principalmente por monges, pois os mosteiros eram tidos como lugares intermediários entre a terra e o além. O paraíso é muitas vezes representado como lugar de paz e alegria e os eleitos se regozijam entre flores, luz, música, perfumes suaves, frutas deliciosas, tecidos aveludados e macios. Algumas vezes, o paraíso se apresenta circundado por muros cravejados de pedras preciosas e quanto mais se aproxima de Deus, em um movimento ascendente, torna-se mais luminoso, perfumado, saboroso, e sonoro. Apesar do paraíso cristão ter se baseado nos diferentes paraísos pagãos para ser construído, há uma diferença estrutural muito importante entre os dois. O inferno e o paraíso não estão acima da terra, mas sim divididos entre alto e baixo, segundo a própria orientação espacial da Idade Média: o inferno é inferior, o mal, então, encontra-se embaixo, o paraíso é superior, o bem, por isso, fica em cima. A maior novidade introduzida no além durante a Idade Média foi o purgatório, lugar intermediário entre céu e inferno, representado por uma montanha que deveria ser escalada para que se pudesse chegar ao paraíso com todos os

² Além do fato de ser muito econômica, não pode aplicar-se ao cristianismo medieval sem algumas correções importantes. O conceito de centro e a contraposição centro/periferia foram menos decisivos que outros sistemas de orientação espacial. O principal era aquele que opunha o embaixo ao em cima, em outros termos, o aqui embaixo, este mundo imperfeito e marcado pelo pecado original, terra dos homens pecadores – ao céu – morada de Deus.

pecados purgados. A organização do além obedeceu também a certa ordem político-social existente na terra. Anteriormente à Idade Média, o céu tinha feições de cidade modelo, governada por justos, o inferno era a cidade maléfica governada por Satanás, que encarnava o senhor feudal tirano. Já o paraíso da Idade Média tinha jeito de corte, com coroas e tronos, muita beleza e ostentação, significando que a monarquia estava em alta.

Tomando como ponto de partida os esclarecimentos apresentados acima, começemos com o *Livro da Ascensão* de Isaías para procurar compreender qual visão do céu era descrita na literatura que precedeu a *Divina Comédia*.

Isaías é um dos grandes profetas do *Antigo Testamento*. Ele é muito conhecido por falar da vinda de Cristo e do fim do mundo. O *Livro da Ascensão* de Isaías é um apócrifo do Antigo Testamento. Não se conhece seu autor nem a época em que foi escrito; estima-se que tenha sido entre 88 e 100 d. C. Isaías, nestes escritos, apresenta a visão de como é o céu. Os céus de Isaías são esplendorosos e até o quinto céu há divisão entre esquerda e direita, depois não mais. Mas é muito importante lembrar que todos são colocados acima da terra. Isaías relata ainda que encontra Enoque no sétimo céu. Assim como no *Livro dos Segredos de Enoch*, Isaías recebe vestimentas de luz para conseguir ver o Senhor. "E a visão do santo profeta não foi deste mundo aqui, mas uma visão do mundo misterioso no qual não é permitido ao homem penetrar." (TRICCA, 1992, p. 83).

Isaías, além de ser um dos profetas que anuncia a vinda de Cristo à terra, conta também sobre toda sua trajetória, inclusive depois da morte. Diz ainda que Ele está no sétimo céu, de onde saiu e para onde voltou depois da ressurreição.

O anjo que vem anunciar a visão a Isaías é um anjo do sétimo céu. Observamos que todos os movimentos de Isaías são ascendentes, ou seja, todos sobem em direção aos céus. O anjo diz ainda que Isaías verá o pai. Quando ele sobe com o anjo ao firmamento, vê Samael e seus poderes, vê também o reino de Satã. Diz também que há uma diferença muito grande entre o mundo superior e o mundo inferior (a terra).

Do firmamento ele passa ao céu. Ali ele vê no centro um trono que divide o céu em direita e esquerda. À direita ficavam anjos esplendorosos e perfeitos. Os da esquerda cantavam como os primeiros mas as vozes não tinham tanta beleza. Os louvores eram dirigidos àquele que estava no sétimo céu. Passam, então, ao segundo céu, que é semelhante ao primeiro, mas o que está sentado no trono tem mais glória que o primeiro. Neste céu, Isaías é avisado para adorar somente àquele que está no sétimo céu e a mais ninguém. Vão em seguida ao terceiro céu. Lá não há nada que lembre o mundo daqui e este também é semelhante ao primeiro e segundo céus. No quarto céu, há a mesma estrutura dos outros e o louvor também é constante. Só o que aumenta é a glória, de céu a céu. No quinto céu, tudo igual, a glória aumenta mas a glória da direita sempre supera a da esquerda. Dali passam ao éter do sexto céu, onde os anjos são envoltos por uma imensa glória. O anjo explica que no céu acima daquele éter não há mais divisão entre direita e esquerda e não há mais um trono. Lá habita o que não tem nome (Deus) e o bem-aventurado (Jesus). "E ele me disse: "Sim, aqueles do sexto céu e do céu superior, onde não há lado esquerdo, nem trono no meio, é lá que habita aquele que não tem nome [Deus], e o Bem-amado [Jesus] cujo nome é um mistério que todos os céus não poderiam penetrar." (TRICCA, 1992, p. 87) No sexto céu, todos os anjos são iguais. Neste céu, Isaías canta junto aos anjos. Ali a voz é mais suave e mais brilhante a luz. Passam ao éter do sétimo céu. Uma voz quer bloquear a passagem de Isaías, mas seu guia não permite que isso aconteça. No sétimo céu, há uma luz admirável e uma multidão de anjos. Lá estão todos os santos (os redimidos) e Enoque, todos vestidos de luz. No sétimo céu, sabe-se tudo a respeito do que se passa na terra. É onde também se encontram Cristo e o Espírito Santo. De lá eles podem ouvir todo o louvor que é feito nos outros céus. Lá também Isaías conversou com Deus que lhe deu todas as instruções do que deveria fazer a partir de então. Constantes nos céus de Isaías são: a luz, o louvor, os anjos, os guias, a ascensão, o número sete, a mensagem de salvação, que deve ser transmitida aos homens e, é claro, a hierarquia.

A Enoque são atribuídos dois textos apócrifos: *O Livro de Enoch* e *O Livro dos segredos de Enoch*. Em relação ao segundo, pouco se sabe de suas origens. Talvez o mais certo é que tenha sido

escrito no século I d. C. Mesmo assim, é uma fonte de grande valia para o estudo dos primórdios da era cristã e que influenciou muito os escritores do *Novo Testamento*. Ele trata de uma visão apocalíptica do profeta Enoque que faz uma viagem aos dez céus até encontrar o Senhor. Ao final, ele se encontra face a face com Deus, como o prometido, mas antes disso teve que passar pelo Sheol e descrever seus horrores. Assim como Isaías, Enoque é incumbido de descrever suas visões aos homens. O objetivo de Enoque com este livro, então, é mostrar como o homem deve ser e agir para andar em concordância com a vontade de Deus e conquistar a vida eterna.

Dessa forma, são dez os céus visitados pelo profeta Enoque, que é chamado por Deus, através de dois anjos, para ser testemunha do que havia do outro lado e depois contar aos seus filhos e aos de sua família o que havia visto. Enoque é levado ao primeiro céu por anjos que o colocam sobre nuvens. Dali ele vê o éter e um grande mar, maior que o da terra. Os anciãos e os dirigentes das ordens estelares vêm até ele. São-lhe mostrados 200 anjos e suas funções. É levado, então, ao segundo céu. Lá estão as trevas e prisioneiros atados e vigiados que aguardam o juízo final. Os anjos aí são escuros. Os ali presos são os infiéis a Deus. Dali, ele vai para o terceiro céu, onde há árvores floridas e com muitos frutos. No meio daquelas árvores está a da vida. Ali é onde, segundo Enoque, Deus descansa quando vai ao paraíso. Este é o céu preparado para os justos. A todo o momento Enoque diz olhar para baixo, o que nos leva a crer que seu movimento é sempre ascendente. Segundo Enoque, o paraíso está entre a corruptibilidade (terra) e a incorruptibilidade (Deus). De suas fontes jorram: mel, leite, óleo e vinho que vão dar no Paraíso do Éden. "E de suas fontes brotam mel e leite, e de seus jorros saem óleo e vinho, e eles se separam em quatro partes e vão dar no PARAÍSO DO ÉDEN, entre a corruptibilidade e a incorruptibilidade. E dali elas vão à terra e sofrem uma revolução em seu círculo, transformando-se até em outros elementos." (TRICCA, 1992, p. 27). Neste céu, há trezentos anjos que guardam o lugar com um canto incessante. Ali moram os justos. No mesmo céu, ao norte, fica um lugar terrível de trevas e escuridão e de um fogo que arde constantemente no alto. Lá há por todo lugar um rio de fogo, geada e gelo e penas muito cruéis. É o lugar preparado para os que desonram a Deus: sodomia, feitiçaria, encantamentos, roubo, mentiras, calúnias, inveja, rancor, fornicção, assassinato, e outros. Enoque vai para o quarto céu e vê os raios do sol e da lua, chegando à conclusão de que os do sol são maiores. A oeste fica o curso do sol e a leste o da lua. Os cânticos ouvidos por ele são impossíveis de se descrever por serem maravilhosos. Já no quinto céu, o profeta conhece os soldados chamados Grigori que tem aparência humana mas são maiores que qualquer gigante e não tem vigor nas faces. Eles são assim pois, como Satanail, rejeitaram o Senhor da Luz.

Eles me disseram: "Estes são os Grigori, que com seu príncipe Satanail rejeitaram o Senhor da Luz, e atrás deles estão os que são mantidos nas grandes trevas do segundo céu, e três deles foram para a terra vindos do trono do Senhor, para o Ermon, e quebraram seus votos nas encostas da colina do Ermon e viram como eram bonitas as filhas dos homens e tomaram-nas por esposas e sujaram o mundo com suas obras, e durante todo o tempo de sua estada cometeram ilegalidade e promiscuidade, e nasceram gigantes e impressionantes homens grandes e grandes inimizades". (TRICCA, 1992, p. 33-34).

Mesmo os Grigori³ cantam e seus cantos chegam ao Senhor. No sexto céu, ele vê sete grupos

³ Os *grigori* (do grego **guardião**) constituem, em uma versão popular, um grupo de anjos da guarda citados nos apócrifos do *Antigo Testamento* que teriam copulado com mulheres mortais, dando origem a uma raça de híbridos conhecidos por "Nephilim", descritos como "gigantes" no Gênesis ou "heróis caídos" em Ezequiel. Outra definição que se refere aos *grigori* aparece em algumas tradições da bruxaria italiana, onde eles são descritos como uma raça que teve origem a partir de um antigo povo vindo das estrelas. Referências aos *grigori* angelicais podem ser encontradas no *Livro de Enoch* e em *Jubileus*. Em hebraico, esses seres são chamados de *Irin*, **guardião**, e são mencionados no *Antigo Testamento* (*Livro de Daniel*, capítulo 4). No *Livro de Enoch*, os *grigori* são anjos enviados à terra para guardar as

de anjos. Eles fiscalizam os anjos e, em torno deles, estão seis Fênix e seis querubins, todos com seis asas.

Uma enorme luz flamejante é vista no sétimo céu onde estão grandes arcanjos, milícias incorpóreas, e dominações, ordens e governos, querubins e serafins, tronos, muitos olhos, e outras coisas mais encontradas distintamente nos céus anteriores. Dali Enoque já pode avistar o Senhor ao longe. Neste céu, os homens que o acompanhavam o abandonam, como acontece na *Divina Comédia*, quando Dante, no *Purgatório*, é abandonado por Virgílio. É interessante observar que há sempre uma hierarquia e tudo acontece por vontade do Senhor que ali habita. Enoque, ao se encontrar só, diz: Ai de mim, que será de mim? Neste momento, surge o arcanjo Gabriel enviado por Deus. É então que ele vê o oitavo céu, chamado de Muzaloth em hebraico e significa **o que muda as estações, a seca e a umidade e os doze signos do zodíaco**. O nono céu é chamado de Kuchavim e é onde estão as casas celestes dos doze signos do zodíaco. Aravoth é chamado o décimo céu e é onde Enoque vê a face do Senhor que, segundo ele, é inefável, maravilhosa e ao mesmo tempo sublime e terrível. O senhor fala com Enoque e ele escreve tudo o que vê para deixar como testemunho.

São constantes no céu de Enoque: a música, a luz, os guias, os anjos, o número dez, a hierarquia e elementos que trazem prazer aos cinco sentidos.

Agora passemos à construção do *Paraíso* de Dante. Esta dimensão para o autor é quase que como destacada da dimensão terrestre. Mesmo que a estrutura seja semelhante à do inferno - sete ordens, com o espaço dividido em nove zonas mais uma - mais interessantes são as diferenças que as semelhanças. Para Dante o *Paraíso* é a cidade celeste perfeita e imutável, pois já foi definida por Deus, inclusive os que lá habitarão já foram delimitados numericamente. Muitos anjos habitam este paraíso e o número de pessoas salvas será o número de anjos que se rebelaram contra o senhor no momento da criação do mundo.

Espacialmente, o paraíso é tudo aquilo que está além da esfera do fogo (que marca a fronteira entre as coisas do mundo e as coisas eternas incorruptíveis). Assim, a terra estaria abaixo da esfera de fogo e o céu acima. O *Paraíso* se divide em nove céus, todos contidos pelo empíreo, que seria uma espécie de décimo céu, mas se distingue dos outros por ser imóvel. Apesar de Deus se manifestar por todos os lugares do universo, é no Empíreo onde está seu trono. Todas as almas do paraíso se encontram no Empíreo e não distribuídas pelos outros céus. Mas, mesmo estando no mesmo céu, o grau de beatificação é diferente dependendo da graça por elas recebida. Esta diferença de beatificação se reflete na forma de ver Deus, ou seja, quanto mais abençoada a alma mais claro ela pode enxergar a Deus. Mas como Dante enxergou tudo isso? Características inerentes às almas? O problema foi resolvido pelo autor quando ele diz que a graça de Deus lhe deu condições de ver através das almas.

No *Paraíso* de Dante, movimento ascendente só fazem aqueles que merecem a graça do Senhor e foram livres de todos os pecados. Uma característica importante do *Paraíso* em contraposição ao *Inferno* e ao *Purgatório* é que no céu as surpresas são menos relevantes. Talvez pelo fato de que o paraíso tenha sido pré-estabelecido e concebido por Deus e seja imutável. Constantes no *Paraíso* de Dante são: a luz, o dez, os guias, a música, a paz, o louvor, a hierarquia e, sobretudo, a grande criação literária.

Haveria muito ainda a ser dito mas o espaço é curto e nos restringe a somente acenar com questões que estão sendo mais aprofundadas por nós. Mesmo assim, acreditamos ter mostrado o que

pessoas. Mas esses se encheram logo de concupiscência pelas mulheres que viam e, encorajados por Samyaza, seu líder, desertaram em massa para se casar e viver entre os homens. Os filhos nascidos dessas relações eram chamados de **Nephilim**, gigantes selvagens. Essa deserção aconteceu porque Samyaza, Azazel e outros do grupo se tornaram corruptos e começaram a ensinar a seus colegas humanos a fabricar armas de metal, cosméticos e outros produtos típicos da civilização, dos quais estes tinham secretamente se apossado. Mas, em função destes ensinamentos, as pessoas começaram a morrer e, conseqüentemente, invocar a ajuda dos céus. Deus enviou, então, o dilúvio universal para liberar a terra desses seres. Dessa forma, os *grigori* foram presos nos vales da terra até o dia do Juízo Final.

nos possibilitou nossa língua, afirmando que o mais importante não é saber se a *Divina Comédia* é realmente divina ou se seus fatos são reais ou inventados pelo autor, ou reflexo de alguma doutrina da época, ou mesmo se os apócrifos são literatura de **qualidade** ou não. Para nós, o que se faz presente, a partir deste momento, é que a literatura é algo que não cabe nos confins determinados pela humanidade e que, por esse motivo, traz ao indivíduo a possibilidade de refletir sobre seu próprio ser e tornar a realidade deste mundo, ou do que está por vir, para aqueles que acreditam nisso, melhor e passível de mudanças. Aí é que acreditamos residir a magnitude de Dante/poeta/profeta e dos textos que lhe antecederam, afirmando ainda que a grandiosidade do autor reside não somente na junção de dois mundos, o pagão e o cristão, mas também no aceno de um mundo novo, o laico, no qual os horizontes são ilimitáveis e as fronteiras cada vez mais transpostas por nós, principalmente através da literatura.

Referências Bibliográficas

- 1] A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 1989.
- 2] CESERANI, Remo; DE FEDERICIS, Lidia. Il materiale e l'immaginario. Torino: Loescher, 1995.
- 3] DANTE ALIGHIERI. A Divina Comédia. São Paulo: Editora 34, 1999. 3 v.
- 4] DANTE ALIGHIERI. Tutte le opere. Roma: Newton, 1993.
- 5] TRICCA, Maria Helena de Oliveira. Apócrifos I: os Proscritos da Bíblia. São Paulo: Mercuryo, 1992.
- 6] TRICCA, Maria Helena de Oliveira. Apócrifos II: os Proscritos da Bíblia. São Paulo: Mercuryo, 1992.
- 7] TRICCA, Maria Helena de Oliveira. Apócrifos III: os Proscritos da Bíblia. São Paulo: Mercuryo, 1992.
- 8] VIRGILIO. Eneida. Tradução de Manuel Odorico Mendes. São Paulo: Editora Martin Claret, 2005.
- LE GOFF, J.; SCHMITT, J. C. Dizionario dell'Occidente Medievale. Vicenza: Giulio Einaudi, 2003.

i Profª. Dra., Silvana de Gaspari

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras - DLLE
silvanadegaspari@gmail.com